



Ao longo do Módulo I – Fundamentos pudemos ir até as Escrituras e descobrir as verdades mais essenciais da fé cristã. Quem somos? Seres criados por Deus! Quem é Deus? O Ser Trino, Eterno e amoroso que nos criou semelhantes a Ele e para um relacionamento com Ele. O que deu errado? Abandonamos o plano original em um ato de rebelião contra o Criador. E o que isso causou? Nosso afastamento do Eterno, a deterioração de nossos relacionamentos e do próprio ser humano. Então tudo está perdido? Não, pois o Pai concebeu um plano ousado para nos levar para casa. Como? Colocando nossa condenação sobre Jesus e nos dando a justiça e a vida de Jesus na cruz do Calvário. E qual o resultado desse plano? Fomos reconectados ao Deus Trino, salvos em Cristo.

Depois, no Módulo II – Formação Espiritual, descobrimos como permitir que essas verdades maravilhosas e, acima de tudo, a poderosa verdade do amor de Deus por nós expressa no Evangelho, moldem a nossa vida de tal maneira que sejamos formados espiritualmente a semelhança de Jesus. No módulo II aprendemos a nos relacionar com o Deus que conhecemos através do Módulo I. Se o Módulo I é profundamente cerebral, conceitual e racional, o Módulo II é essencialmente devocional, relacional e mergulhado em oração e atitude de encontro e amor.

A grande questão é que nosso relacionamento pessoal e dinâmico com o Deus que conhecemos em Cristo não apenas nos transforma e transforma nossa relação com as pessoas, mas deve também transformar a maneira como vemos toda a vida, o mundo, a experiência cotidiana e todos os seus elementos.

Como já foi afirmado em um momento anterior, é bom lembrar que Francis Schaeffer, em um discurso na Universidade de Notre Dame em 1981 afirmou que “o cristianismo não é uma série de verdades no plural, mas é a Verdade escritura com ‘V’ maiúsculo. É a Verdade sobre a realidade total, não apenas sobre assuntos religiosos”.¹ Isso significa dizer que nós cristãos não temos apenas uma visão diferente sobre quem Deus é, mas uma visão sobre tudo – todo o mundo criado, a existência humana e todos os fenômenos da vida – a partir da Revelação de Deus para nós: as Escrituras Sagradas.

Nós cristãos deveríamos aprender a ver a vida com os olhos das Escrituras, mas não é bem assim que acontece na prática, pois de alguma maneira somos “enganados” pela ilusão do dualismo. E o que é dualismo? O dualismo foi sistematizado de maneira eloquente pelo filósofo Platão em seus escritos por volta do séc. V a.C. Platão foi o pensador que popularizou a divisão da realidade em dois compartimentos estanques: o mundo que os sentidos são capazes de captar e o mundo que os sentidos não podem captar mas que somente pode ser contemplado por meio da razão, o chamado “mundo das ideias”.²

Assim, Platão criou uma compreensão dualista (dois) da realidade, ou mesmo duas realidades distintas se preferir. O problema é que a certa altura pensadores cristãos se apropriaram das ideias de Platão e criaram uma divisão entre aspectos da vida que são religiosos e aspectos da vida que são seculares.³

Seria muito delongado mostrar toda a sequência que alguns pensadores demonstraram de maneira tão clara aqui.⁴ Indo direto ao ponto, o que é importante ressaltar é que trouxemos para dentro do nosso entendimento da realidade, para dentro do nosso discurso e da nossa prática elementos estranhos a fé cristã. Como um vírus que se instala em um organismo e começa a interagir com células e tecidos de maneira destrutiva, acabamos assimilando da filosofia grega conceitos que trouxeram distorções e uma profunda erosão em todo o complexo bíblico.

Herman Dooyewerd, um influente pensador holandês, foi um grande crítico dessas infiltrações de elementos estranhos na fé cristã, mostrando detalhadamente como as ideias de Aristóteles, por exemplo, se infiltraram na teologia cristã, de maneira que o resultado foi que “ideias cristãs e pagãs foram trazidas para uma convergência completa”.⁵

¹ PEARCEY, Nancy. *Verdade absoluta*. São Paulo: CPAD, 2012, p.5

² REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Filosofia pagã antiga*, Vol. I. São Paulo: Paulus, 2003, p.139,140

³ Falando também sobre a influência da filosofia grega sobre a teologia cristã, Justo Gonzalez explica como o pensamento grego acabou esvaziando a personalidade do Deus das Escrituras e gerando uma divindade perfeita mas impassível, indiferente e incapaz de manter um relacionamento pessoal com sua criação (GONZALEZ, Justo. *Historia Del Cristianismo* -Tomo 1. Miami: Editorial Unilit, 2003, p.207)

⁴ Francis Schaeffer demonstra de que maneira tanto a compreensão tomista da relação “graça x natureza” quanto o dualismo de Platão no entendimento da relação “alma x corpo” acabaram culminando tanto na autonomia quanto na dicotomia características do pensamento moderno (SCHAEFFER, Francis A., *A Morte da Razão*. Cambuci: Cultura Cristã, 2002)

⁵ DOOYEWERD, Herman. *A New Critique of Theoretical Thought* – Vol. I: The Necessary presuppositions of philosophy. Ontario, Canada: Paideia Press, 1984, p.173

Como resultado dessa invasão de conceitos anticristãos dentro do próprio cristianismo, note que costumamos criar compartimentos em nossas vidas de maneira que nossa fé e nossa prática se encontrem em ambientes diferentes. Você já ouviu alguém dizer a respeito de seu trabalho “secular” e seu ministério “na igreja”?

Chamamos esta divisão que separa a “vida religiosa” e a “vida religiosa” de dicotomia ou dualismo e esta divisão é muito mais do que um simples jogo de palavras. De fato, acreditamos que nossa fé cristã diz respeito a coisas como pecado, igreja, graça, eternidade, Deus e outras coisas que colocamos nesse compartimento. Contudo, uma vez fora da igreja criamos nossos filhos, desempenhamos nossa profissão, investimos nosso dinheiro e utilizamos nosso tempo de lazer baseados na palavra de especialistas, seguindo a cultura geral que nos cerca, conforme as tradições de nossas famílias ou seguindo outro modelo e assim vivemos a vida do nosso jeito.

Ou seja, o Deus que nos perdoa e a quem nós adoramos no domingo não tem nada a ver com grande parte da nossa vida no meio de semana, pois Ele pode entender muito sobre pecados e coisas do tipo, mas o jeito como vou gastar meu dinheiro ou educar os filhos é comigo. Eu resolvo. Isso não tem nada a ver com religião nem com o Divino.

Dooyewerd afirmou que a apropriação por parte de teólogos cristãos de ideias que não estavam alicerçadas nas Escrituras Sagradas mas na filosofia grega acabou por causar profundas distorções e maus entendidos, de maneira que “essa falsa divisão da vida humana em uma esfera natural e outra supranatural se tornou o ponto de partida do processo de secularização que resultou na crise da cultura ocidental, em seu desenraizamento espiritual”.⁶

Dooyewerd foi um grande crítico da separação entre uma vida religiosa e uma vida secular, pois sabia que esse dualismo que separa fé e prática diária não nasce das Escrituras, mas na verdade é um elemento estranho no cristianismo que fere frontalmente o plano do Eterno para o homem.

Essa divisão entre a vida religiosa e a vida “de verdade” acabou esfacelando a fé cristã, fazendo do cristianismo algo que só funciona dentro de um lugar restrito – as paredes de um templo, num período de tempo específico – o momento de culto dominical, com um fim delimitado – prover um bem estar religioso. Ou seja, nossa fé só funciona no domingo dentro do templo durante o culto para o nosso conforto religioso. No resto da semana estamos vivendo em um outro compartimento, de maneira que a nossa fé, aquilo que cremos, não interfere em nossa prática diária, pois ambas moram em universos paralelos que não se tocam. A fé cristã passou por um processo de “privatização”.⁷

Uma vez que a fé cristã ficou confinada em um gueto, durante a semana e nas diversas áreas da vida nas quais precisamos tomar decisões e enfrentar problemas recorremos a princípios que não estão conectados profundamente com as Escrituras Sagradas. A maneira como investimos o nosso dinheiro, a forma como realizamos nosso trabalho, como lidamos com a nossa sexualidade, a criação de filhos, como estruturamos nossos horários e nossas agendas, a escolha profissional e uma série de outras questões são resolvidas com base na palavra de especialistas – psicólogos, autores, médicos, professores, utilizando conceitos de diversas disciplinas ou até mesmo seguindo o senso comum.

E por que? Por que essas coisas não tem nada a ver com a nossa fé. São só “coisas da vida”. Isto se chama secularização. Significa que mesmo alegando sermos cristãos pensamos dentro de uma estrutura composta de conceitos e valores que são completamente distantes e estranhos a Escritura Sagrada. O resultado visível é que vivemos como “ateus práticos”, como já disse um pensador cristão. Temos ideias corretas sobre Deus, e isso é tudo.

Albert M Wolters ressalta os efeitos da secularização sobre o papel da igreja de fazer diferença no mundo: “Como cristãos, confessamos que as Escrituras têm a autoridade de Deus, que é suprema sobre tudo o mais – sobre a opinião pública, a educação, a criação de filhos, a mídia, em suma, todas as poderosas forças em ação na nossa cultura pelas quais a nossa cosmovisão é constantemente moldada. No entanto, uma vez que essas forças na nossa cultura deliberadamente ignoram e, na verdade, normalmente rejeitam instantaneamente a suprema autoridade da Escritura, há uma pressão considerável sobre os cristãos para que restrinjam o reconhecimento da autoridade da Bíblia a área da igreja, da teologia e da moralidade privada – uma área que tem se tornado basicamente irrelevante a direção da cultura e da sociedade como um todo”.⁸

Isso significa dizer que a privatização da fé cristã tem feito dessa mesma fé um artigo de museu, sem qualquer link com a vida comum das pessoas e as questões complexas de nosso tempo e irrelevante para a nossa geração. Irrelevância é uma palavra assustadora pois remete a algo completamente fútil que pode estar ali ou não, não faz diferença. No entanto, é justamente isso que temos visto acontecer.

Qual é o nosso desafio então? Nosso desafio é superar o dualismo e olhar para a vida toda a partir de uma lente apenas: as Sagradas Escrituras. É sobre isso que trata o desafio da cosmovisão cristã.

⁶ DOOYEWEERD, Herman. *No Crepúsculo do Pensamento: estudos sobre a pretensa autonomia da razão*. Paulo: Hagnos, 2010, p.264

⁷ OLIVEIRA, Fabiano de Almeida. *Diagnosticando os sintomas do nosso tempo: Parte 1 – Um ensaio crítico sobre os ídolos da modernidade – in Fides Reformata*, XVI, n. 2, (2011), p.64

⁸ WOLTERS, Albert M. *A criação restaurada*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p.17